

cando aos seus autores um sistema de numeração, assim como o prof. A. Dain o havia feito para Sófocles, — e isto em seguida a Th. Bergk, Rossback, Westphal e Schroeder, — mostra que o poeta procura um equilíbrio rítmico e chega a numerá-lo. Enfim, indo mais longe que seu mestre, o autor acha que a lei do *enjambement* tal qual tinha formulado A. Dain, deve ser concebida de maneira mais ampla: a cesura é feita pelo poeta tão bem numa sílaba antes do novo elemento rítmico como numa sílaba depois, e esta cesura é, para J. Irigoín, muito menos essencial ao verso que à própria sináfia. E' destruir velhas teorias, mas não podemos deixar de concordar com o autor: a métrica durante muito tempo foi vítima do espírito de sistema. O que achamos de interessante no trabalho de J. Irigoín, é que não se limitou a tirar suas teorias de seus únicos autores, mas ainda as aplicou a outros poetas, sem que elas tenham caído em erro. Permitir-nos-emos não o seguir totalmente quando, a propósito de Arquíloco, quer que a falta de sináfia entre as duas partes dos primeiros e segundos versos arquilóquios mi-lite por sua separação em dois versos distintos. Não sei se se deve aplicar ao poeta pário princípios tão rigorosos para metros dos quais foi o inventor ou pelo menos aos quais deu a forma definitiva.

Há igualmente uma afirmação de J. Irigoín que merecerá sem dúvida alguma discussão, quando diz que o *colón*, — isto é, esta unidade intermediária entre o elemento rítmico e o verso e que corresponde às separações no verso que encontramos em todos os manuscritos dos poetas — não tem valor métrico e não é senão uma simples criação dos filólogos alexandrinos.

Ainda que sejam essas algumas restrições, a obra do prof. J. Irigoín merece um estudo particular de todo helenista; deve ser encontrada na biblioteca de quem quer que se interesse pelos estudos gregos e constitui grande honra para a nova Escola filológica francesa. Não podemos senão esperar com impaciência o novo trabalho que nos anuncia o autor e que terá por título: "*Recherche sur les mètres de la lyrique chorale grecque. La Composition de la période et l'architecture de la strophe*" — e que só poder trazer mais luz a um assunto sobre o qual, para esclarecê-lo, o autor terá contribuído em grande parte.

R. AUBRETON.

*

IMAGO MUNDI (Revista de la Cultura), dirigida por José Luis Romero, publicação trimestral, n.º 1, setembro de 1953, Buenos Aires, 138 pp.

HUMANITAS — Revista de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Tucuman, publicação quadrimestral, ano I, n.º 1, Tucuman, 443 pp.

Dois excelentes revistas argentinas acabam de aparecer e a *Revista de História* tem grande prazer em saudá-las e muita satisfação em apresentar aos seus diretores, os melhores cumprimentos.

Imago Mundi, como o seu subtítulo indica, procurará recolher os diferentes dados das diversas histórias particulares para, dêsse modo, contribuir para a obtenção duma imagem mais rica da realidade e uma compreensão mais profunda da História. Em *Imago Mundi* terão acolhida os estudiosos de todos os campos da atividade intelectual que acusem preocupação de historicidade. Os

seus redatores crêem — e com razão — que a História da cultura representa em nosso tempo a atitude humanista, a expressão duma consciência vigilante que se volta para o passado mas que não perde contacto também com o presente.

Neste primeiro número colaboram José Luís Romero, com um interessante artigo intitulado *Reflexiones sobre la Historia de la Cultura* (pp. 3-14); Rodolfo Mondolfo, com *Trabajo y Conocimiento segun Aristoteles* (pp. 14-22); José Babibi, com *Las Grandes Etapas del Analisis Infinitesimal* (pp. 23-41); José Juan Bruera, com *Spinoza y las Ideas Juridicas en el siglo XVII* (pp. 41-53); Jorge Romero Brest, com *Reflexiones sobre la Historia del Cubismo* (pp. 53-63) e Vitor Massuh, com *Marti en los Estados Unidos* (pp. 64-71). Além desses artigos, a Revista apresenta ainda excelentes resenhas e interessantíssima e variada bibliografia.

No primeiro número de *Humanitas* há também abundante material bibliográfico e crítico, assim como excelentes artigos entre os quais destacamos os de Rodolfo Mondolfo, *Platon y el Concepto unitario de la cultura* (pp. 15-24); o de Diego Pro, *Interpretación del Ser en la Filosofia Griega* (pp. 41-97) e o de Emilio Carilla, *La Argentina de Cunningham Graham* (pp. 99-117), curioso inglês que escreveu uma biografia do nosso Antônio Conselheiro (*A Brazilian Mystic*).

As duas Revistas de cultura, a *Revista de História* cumprimenta e deseja prosperidade.

J. CRUZ COSTA.

BRASILIA. — Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. VII, Coimbra, 1952, 286 pp.

O Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Coimbra, a cuja fundação estão ligados os nomes dos Profs. Mendes dos Remédios, Teixeira de Abreu (que, se não nos enganamos, aqui viveu durante algum tempo) e o do Prof. Rebelo Gonçalves que, como é sabido, ensinou, na nossa Faculdade de Filosofia — acha-se agora sob a competente direção do Prof. Costa Pimpão, catedrático daquela Universidade.

Desde 1942, publicava aquêl Instituto, por iniciativa do Prof. Rebelo Gonçalves, a excelente revista que é *Brasília*, cuja finalidade consiste em revelar, a portugueses e a brasileiros, as semelhanças e as dissemelhanças que existem entre os dois povos que utilizam a mesma língua, mas cujo destino histórico, por via de circunstâncias diversas, nem sempre coincidem. *Brasília*, que é uma revista exclusivamente dedicada a assuntos culturais, presta assim um grande serviço aos estudiosos dos dois países de língua portuguesa. E é, com grande satisfação que a vemos partir agora para um novo período de existência.

Adstrita a essa nobre tarefa intelectual, a revista do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Coimbra é acolhida, por todos nós, com verdadeiro júbilo. Apresentamos aqui um sumário do que se contém neste número: uma conferência de Gilberto Freyre "Em torno de um novo conceito de tropicalismo" (pp. 3-17); "Portugal e o Brasil no Mundo de Amanhã" (pp. 19-33), do Prof. Amorim Girão; "A Margem das Reflexões de Matias Aires", de Jacinto do Prado Coelho, (pp. 35-82); "Sociedades médicas e o jornalismo médico no Brasil", do Dr. Divaldo de Freitas (pp. 82-92); "O Historiador da Nova Lusitânia: Francisco de Brito Freire", do Prof.